

COLÓQUIO PARIS 2017: “ENCONTRO”

Escuela de Psicoanálisis Sigmund Freud – Rosario

Título: *In memoriam: Implicação de Pura Cancina na Convergência*

Autor: Adriana Zanón

Com o fundamento de: a psicanálise *não tem proporção sexual* estamos apostando para um *Encontro*. Convergimos entre instituições em tanto concebemos que não tem psicanálise sem laços entre psicanalistas, e é isso o que trouxe-nos até Paris, desde a nossa Escuela de Psicoanálisis Sigmund Freud - Rosario, Argentina, para darmos inventiva para uma aposta, não sem um fundo de impossibilidade.

Para começar gostaria de citar nossa querida Pura Cancina como

uma homenagem ante a sua inestimável perda. Ella falava para nós: “O objeto encontra seu justo lugar nesta espécie de “inter subjetividade que já não será uma relação entre sujeitos mais entre o Um e o Outro com a sua radical inadequação. É o objeto o que serve de suporte para cada um, não quando é um entre outros, mais quando em relação aos outros dois, fica entre um e outro. Cada um intervém só como esse objeto *a* que ele é sob o olhar dos outros. São três ainda que na realidade são dois mais o *a*.”¹ Não resta senão poder fazer desde esse fundo de mal-entendido radical, mal-entendido sexual, fina moléstia constante do *parlêtre*.

Pura tem trabalhado junto com vocês ao respeito do laço entre Intuições em Convergência e o problema dos laços entre analistas. Vamos tecer com algumas das letras dela. Ella soube nos transmitir que: “podem se pesquisar os efeitos do laço analítico no laço social, na medida que o analista deve sua função de causa do objeto *a*.”² Pela minha parte hoje sustento que, tem que poder empuxar mais longe esse assunto: fazer *semblant* de *a* na cena da análise é uma posição ética, o que não implica que o analista fique em posição de vazio firme frente ao analizante ou de silêncio jogando ao morto como se tenha mal interpretado o lugar do analista com o lugar no Bridge. Ele intervém com a materialidade das palavras que dão vida a um sujeito já que o psiquismo não fica em nenhuma materialidade orgânica.

Sobre isto temos que poder refletir, ainda mais quem suportamos uma clínica no Hospital, se o desejo do analista reside o não recuar frente a psicose nem frente à psiquiatrização neurocientista. Nós temos que pôr em discurso os problemas cruciais e responder no social fazendo escutar alguns outros problemas, lês fazendo visíveis.

Lacan no seu *Ou pire...* afirma: “Somos irmãos de nosso paciente por quanto que somos, como ele, filhos do discurso,”³ Irmãos, *frate* no latim, designa a amizade, a comunhão de ideias, a solidariedade, a congregação onde predominam os laços identificatórios de comunhão com o mesmo. Como o sinalara a Pura noutra intervenção ao modo de uma advertência: “A massa ficará sempre ameaçada pelo retorno do real, processos de segregação, segregamos e somos segregados. Não tem mais do que uma só origem dá fraternidade e é a segregação.”⁴ ¿O que interstício permitiria não se deslizar, podendo manter o viés do “bom” laço entre analistas incluindo a amizade?

Vou a introduzir duas propostas que trasvasam a psicanálise, ainda quando permitem ler esse tempo no qual operamos. A primeira, foucaultiana: Foucault fala que depois de se dedicar à História da sexualidade, vai se dedicar ao problema da amizade ou amizades, tal como tem sido concebida nos séculos da Antiguidade e subseqüentes onde os sujeitos

“dispunham de alguma liberdade e de certo tipo de eleição (limitada, é claro) e que também lhes permitia relações afetivas intensas. A amizade tinha mesmo assim implicações económicas e sociais – o indivíduo ficava na obrigação de ajudar aos seus amigos, etc.- Depois, nos séculos XVI e XVII desaparecera esse género de amizades, pelo menos na sociedade masculina. ”⁵ A opressão patriarcal desaprovou a amizade no sentido antigo, e aquele olhar condenatório a tornou a perigosa ante, por exemplo, a cena de duas mulheres ou dois homens, ¿o que é o que eles fazem abraçados? Se tornar gays ⁶ é a proposta foucaultiana, o que não quer dizer virarmos homossexuais mais que vale como proposta criativa para toda a sociedade.

A segunda proposta, si bem fica arraigada no Complexo de Édipo ela vai além dele: é a perspectiva de futuro aberta pela revolução feminina, trabalho apresentado por Gerard Pommier no 1º Congresso Internacional da Psicanálise da Universidade de Rosario no 2016, que cito textualmente: “Essa perspectiva de futuro aberta pelo feminino (a palavra “feminino” é ela mesma bissexual) não é igualitária e a sua ética é superior a aquela do masculino, porque o masculino oprime e o feminino não oprime ninguém. O feminino é um princípio subversivo como fator de progresso sem o mínimo programa. ” ⁷ *O feminino, uma revolução sem fim*, é o título e a tese do seu último texto publicado, é o que nos dá margem para seguir criando desde a posição não-toda (em oposição ao feminismo que poder ia-se colocar, nessa via, como um reverso simétrico do patriarcado). Esta proposta fundamenta-se num questionamento do poder patriarcal, desse jeito o homem é também um não-todo que tentará seguir a dinâmica do seu próprio desejo.

Para concluir, ambas propostas tratam o problema desde o “sem programa” em tanto impossibilidade de saber o de devir, o que não implica a ausência de reflexão. Carecer de programa é útil, original e criativo, é uma inovação que interrompe a lógica do universal e do poder da razão. “O feminino alcança aos homens e pode ficar no rango da peste freudiana”. Tal como tem sugerido Pura Cancina em uma comunicação pessoal. Cernir o problema do feminino é também cernir a posição do analista e esta é uma possibilidade vital pela psicanálise, cuja eficácia encontra-se cada vez que desse encontro gera-se a possibilidade pelo analizante de: “que se diga”.

BIBLIOGRAFÍA

- 1- Cancina, Pura. Entrevista publicada por Revista Acheronta N° 14. Diciembre 2001. Consultada en línea: www.acheronta.org
- 2- Cancina, Pura. Informe acerca de la CEG 2015. Biblioteca Escuela de Psicoanálisis Sigmund Freud-Rosario.
- 3- Freud, Sigmund. *Psicología de las masas y análisis del yo*. 1921. O.C. Buenos Aires. Amorrortu editores. 2008.
- 4- Foucault, M. *Sex, Power and Politics of Identity*. Entrevista dirigida por B. Gallagher y A. Wilson. 1982. Publicada en *The Advocate* 400. 07-08-84. Consultado en línea: <http://grupomartesweb.com.ar/textos/textos-prestados/foucault-michel-una-entrevista-sexo-poder-y-politica-de-la-identidad-1982/>
- 5- Lacan, Jacques. *El Seminario XIX ...o peor*. Buenos Aires. Paidós. 2012.
- 6- Lacan, Jacques. *El Seminario XX Aún*. Buenos Aires. Paidós. 1981.
- 7- Pommier, Gérard. Conferencia: *¿Cuál es el porvenir del psicoanálisis en nuestra nueva civilización?* Ponencia virtual. 1° Congreso Internacional de psicoanálisis UNR. 27-28 y29 de Octubre 2016.
- 8- Pommier, Gérard. *Féminin, révolution sans fin*. Paris. Pauvert. 2016.